

"Sou um homem de equilíbrios e, por isso, próximo do centro-direita"

DN-Hernâni Pereira



Vai a Portugal votar no dia 20?

Não, não. Nem sequer tenho seguido com intensidade a política, porque aqui não tenho muito tempo e as coisas não me chegam com profundidade. Estou um pouco à margem do que se passa em Portugal e não fazia muito sentido eu ir expressamente para votar sem sequer ter em consciência uma ideia de em quem iria votar.

Não vai sequer votar através da embaixada?

Também não, como disse não acompanho o suficiente para me poder pronunciar sobre a actualidade política.

Portanto, não tem sequer um sentido de voto?

Não. Mas toda a gente sabe que eu tenho uma inclinação política, nunca escondi isso de ninguém. Sempre fui um homem muito de equilíbrios, e por isso sempre me senti mais próximo de tudo o que andasse pelo centro e até mesmo virado um pouco à direita. Mas para mim, mais importante do que as questões políticas foram as questões sociais. Sempre me preocupou mais que os jovens pudessem ter oportunidades para se lançarem na vida e que os mais idosos tivessem alguma protecção nos últimos anos da sua vida de trabalho do que propriamente as questões estritamente políticas e partidárias.

Votou sempre à direita? No PP, no PSD?

Já votei no PP, já votei no PSD, mas também já votei noutros partidos. Já votei PS, por exemplo. Votei para presidenciais em Mário Soares e em Jorge Sampaio. Nunca fui muito adepto dos conceitos de fidelidade partidária, porque acho que as pessoas e as ideias valem mais do que qualquer disciplina partidária.

Por se classificar de direita, com que impressão ficou de Santana Lopes, um homem que já passou pelo futebol?

Não tenho grande informação sobre Santana Lopes, apesar dele ter passado pelo futebol. Nunca estive pessoalmente com ele, nunca tive contactos directos com ele, os únicos contactos aconteceram através de amigos comuns, por quem ele às vezes enviava uma mensagem de felicitações sempre que acontecia algo positivo na minha carreira, especialmente no período do FC Porto. Por isso, nem sequer disponho de grande informação para fazer uma avaliação, ou sequer ter uma mera opinião sobre Santana Lopes.

Isso de ser de direita em Setúbal também é outra das suas características pouco comuns...

Sabe que Setúbal é mais do que tudo uma grande cidade, que serviu sempre de barómetro para a política do País. E é essencialmente uma cidade muito aberta, em que ninguém está preocupado se é de direita ou de esquerda, ninguém quer saber se o vizinho vota no partido A ou B, toda a gente se respeita e isso é o mais importante. Por exemplo, o presidente da câmara é comunista e eu não digo que ele fez um trabalho excelente, digo que ele tem feito um trabalho excelentíssimo. Acho que as conotações políticas já não são uma coisa actual,

hoje em dia as pessoas têm outro tipo de preocupações. Claro que não nos esquecemos que Setúbal continua a ter graves problemas sociais, com muitas famílias a viver sem possibilidades, mas esse é já um problema histórico que não se resolve depressa.

Tem seguido a actualidade política aqui em Londres?

Também não muito, pelas mesmas razões que não seguia lá em Portugal. Não são assuntos que me seduzam assim muito, as questões políticas. E depois também não me sobra assim tanto tempo para seguir pelos jornais e pela televisão o que se passa na política.

Mas como é que viu a discussão em redor da posição de Tony Blair sobre a guerra no Iraque?

Eu até posso entender que a guerra é, às vezes, uma forma de chegar a algum lado, mas no primeiro dia de uma guerra o que eu faço é começar a rezar para que acabe. É uma coisa que arrepiá só de falar, a guerra. Agora sobre se o Blair fez bem em apoiar o Bush, se as tropas britânicas deviam ou não ter ido para o Iraque não me preocupa tanto.

A guerra pode ser uma solução ou um mal menor?

Não consigo entender nem de uma forma nem de outra. Uma solução nunca pode ser, mas de uma coisa que é tão má dizer que é um mal menor também não me parece adequado.

Que posição tem em relação à despenalização do aborto?

Penso que essa é uma questão grave, gravíssima. Ou melhor, será mais uma questão delicadíssima. Defender uma e outra não é fácil. Trata-se de um ser humano, sem dúvida. Sou muito religioso, sou católico e nesta questão estou ao lado da Igreja quando defende que é um ser humano logo desde o início, não só a partir de determinada altura. Em que altura começa então um ser humano? Ser favorável da despenalização total parece-me que não. Por outro lado, porque sou pai e tenho dois filhos, compreendo a frustração, consigo perceber o desespero de uma grávida sem ter que comer, sem ter o que oferecer ao futuro de uma criança. A coisa não pode ser tão crua como "defende ou não?".

Transmite a imagem de um homem religioso, de cariz familiar e obcecado por futebol. É o homem dos três F - Fátima, Futebol e Família?

Mais do que Fátima, que até nem é bem o termo muito adequado pelo simbolismo que acarreta, sou um homem de família, religioso e católico e sou do futebol, claro. É, é uma boa forma de me caracterizar. Posso ser um bom católico e, em relação ao simbolismo de Fátima, não ir a Fátima há seis meses. Não estou agarrado à questão simbólica. Há momentos em que vou à igreja, outros em que nem por isso. No Porto ia a Fátima uma vez por mês, em Leiria ia todas as semanas.

Qual desses três vectores pesa mais na sua personalidade?

A família, a família.

Sobra-lhe tempo para cultivar outras coisas, como os livros, o cinema...

Sobra um bocado para jantar fora, ir a um espectáculo, ler um livro, mas pouca coisa. Quem me tenta impingir umas coisas para ler é a minha mulher, leitora insaciável.

Está a ler alguma coisa actualmente?

Estou. A autobiografia de Gabriel García Márquez.